
O DRAMA DO DESENRAIZAMENTO E DA ADAPTAÇÃO FORÇADA: O TESTEMUNHO DE EXILADAS LATINO-AMERICANAS

THE DRAMA OF UPROOTING AND FORCED ADAPTATION: THE TESTIMONY OF EXILED LATIN AMERICAN WOMEN

Paulo Bungart Neto¹

Resumo: O artigo discute a literatura produzida por mulheres latino-americanas exiladas ao longo da segunda metade do século XX, com ênfase em testemunhos nos quais se percebe um entrelaçamento entre história, política e memória, característica marcante de boa parte das narrativas contemporâneas. As autoras rompem um silêncio mantido por muitos anos com a intenção de mostrar de que maneira os acontecimentos podem ser ressignificados por relatos orais ou textos literários impressos, cuja finalidade última é a de tentar superar o trauma do encarceramento, da tortura e do exílio, em um incessante exercício de autoanálise e compreensão do aspecto coletivo dos fatos históricos testemunhados. Para a abordagem das obras, utilizou-se como suporte textos teóricos e críticos a respeito do fenômeno do exílio, tais como VIÑAR (1992); ROLLEMBERG (1999); PIZARRO (2006); e SZNAJDER, RONIGER (2009); e estudos sobre a história política da América Latina, como DINGES (2005); e NEPOMUCENO (2015).

Palavras-chave: Exílio; Testemunho; América Latina; Autoras exiladas.

Abstract: This paper discusses the literature produced by Latin American women exiled throughout the second half of the twentieth century, with emphasis on testimonies in which history, politics and memory are interwoven. This is a striking characteristic of many contemporary narratives. These authors broke a silence held for many years in order to show in which way the events could acquire new meanings through oral accounts or printed literary texts. Their ultimate purpose is to overcome the trauma caused by imprisonment, torture or exile, by an attempt to comprehend the wider meanings of the historical facts they witnessed. For this approach, the following were used: firstly, theoretical and critical texts about the phenomenon of exile, such as VIÑAR (1992), ROLLEMBERG (1999), PIZARRO (2006), and SZNAJDER, RONIGER (2009); and secondly, investigations about the political history of Latin America, such as DINGES (2005), and NEPOMUCENO (2015).

Keywords: Exile; Testimony; Latin America; Exiled women authors.

¹ Professor Associado da Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: pauloneto@ufgd.edu.br.

INTRODUÇÃO

“O exílio é saber que você nunca mais vai voltar ao lugar ao qual pertence”.
(Luisa Valenzuela, *Romance negro com argentinos*, p. 151)

Sabe-se que os inúmeros regimes militares impostos na América Latina, sobretudo entre as décadas de 1950 e 1980, foram responsáveis por centenas de milhares de casos de tortura, desaparecimento e morte em países como Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai, Guatemala, El Salvador, República Dominicana e Nicarágua, dentre alguns outros. Igualmente elevado é o número de entrevistas, livros de memórias, poemas e narrativas ficcionais a respeito do tema do exílio, produzidos por homens e mulheres que o vivenciaram de forma traumática, resultando, décadas depois, em relatos impactantes sobre uma época convulsiva, de enfrentamento e derrota política e militar, mas também de profundo lirismo eternizado pelo rastro avassalador dos testemunhos deixados.

A literatura produzida por mulheres latino-americanas exiladas é muito vasta, variando do depoimento oral, transcrito em livro impresso, passando por textos autobiográficos e memorialísticos, até chegar às narrativas ficcionais e autoficcionais. Transita entre o oral e o escrito, o factual e o ficcional, o particular e o histórico, estando presente em praticamente todos os gêneros literários contemporâneos. A produção sobre o tema é tão ampla que é preciso recorrer a uma síntese das obras e autoras representativas de um momento histórico conturbado, que atravessou boa parte da segunda metade do século XX e é certamente um efeito cascata da Guerra Fria entre os Estados Unidos da América e a então União Soviética.

De modo geral, as mulheres latino-americanas que optaram pelo exílio ou a ele se viram forçadas o fizeram motivadas por duas formas distintas de atuação: de maneira direta, ou seja, tendo sido, elas próprias, militantes que participaram da luta armada contra a ditadura; ou indireta, como companheiras, esposas ou parentes de homens envolvidos com a resistência aos regimes autoritários que se multiplicaram continente afora.

Embora o número de narrativas ficcionais a respeito do tema seja significativo e estas estejam cada vez mais presentes no âmbito da literatura latino-americana contemporânea, aqui se dará ênfase aos depoimentos, testemunhos e entrevistas, coligidas, posteriormente, em duas coletâneas, conforme se verá no item subsequente ao próximo, no qual se pontuará alguns aspectos seminais da problemática do exílio.

ASPECTOS TEÓRICOS E CONTEXTUAIS DO EXÍLIO

“[O exílio] é uma insolência, é um desaforo,
é indesculpável, historicamente indesculpável”
(Maricota da Silva apud COSTA *et al.*, 1980, p. 38)

De modo geral, quando se fala em exílio, há pelo menos dois grandes eixos de análise: o coletivo, que discute o fenômeno da migração forçada de milhares de pessoas à luz de processos históricos; e o individual, mapeado tanto a partir de testemunhos, relatos,

autobiografias ou memórias de quem o viveu, quanto abordado pela psicanálise, na prática clínica e na formulação teórica que explica muitos dos sentimentos que acompanham o desenraizamento dos exilados, tais como anonimato, despersonalização e saudade do país natal, durante o exílio; e trauma, depressão e, em muitos casos, desemprego e suicídio, após a volta para o país de origem.

No caso específico do exílio latino-americano da segunda metade do século XX, o número total de exilados é realmente impressionante. Para se compreender a dimensão do problema, é preciso dizer que, no Chile, no Uruguai e na Argentina, o contingente de exilados chegou a algumas centenas de milhares, um número muitíssimo mais elevado que o do Brasil, cuja dimensão territorial e população são muito maiores do que a soma dos outros três, e que, segundo Mario Sznajder e Luis Roniger, teve “apenas” entre dez e quinze mil pessoas buscando asilo no exterior, entre 1964 e o final da década de 1970². Os principais destinos foram o Uruguai – principalmente durante a primeira fase do exílio brasileiro, entre 1964 e 1968 –, e, após o decreto do AI-5, em dezembro de 1968, Chile, Argélia, França, México e Bolívia (SZNAJDER; RONIGER, 2009, p. 197-199).

Para Denise Rollemberg, que abordou o problema por diferentes ângulos (“histórico, político, pessoal, emocional”, 1999, p. 17), o resultado final de todo esse processo foi bastante negativo e representou a derrota do projeto político e social de parte da sociedade brasileira. Seu livro trata justamente “(...) dos sentimentos de estranhamento, desenraizamento e luto típicos do exílio” (1999, p. 5), desembocando, mesmo após a volta para casa, em uma profunda crise de identidade e perda de referenciais, ou seja, o exílio

Significou o desenraizamento das referências que lhes davam identidade política e pessoal. A derrota de um projeto. O constrangimento ao estranhamento. A perda do convívio com a língua materna, o afastamento das famílias, as separações. A interrupção das carreiras, o abandono de empregos. A ruptura física e psicológica. A desestruturação (ROLLEMBERG, 1999, p. 299).

O aspecto social e político do exílio incide na desestruturação psicológica individual, aí acrescida a desagregação familiar ou conjugal, o que conduz, segundo os psicanalistas uruguaios Marcelo Viñar e Maren Viñar, eles próprios exilados em Paris, a um quadro psíquico de profunda instabilidade emocional, agravado por componentes como o anonimato e a despersonalização vivenciados no país de acolhimento (VIÑAR, 1992, p. 110).

A experiência da despersonalização se traduz pelo estranhamento de si, pela perda dos referenciais identitários de língua e cultura, como se a realidade do “outro” sobrepujasse de tal forma os aspectos essenciais do “eu” que este passa a não mais se reconhecer em um espelho cujo reflexo borra sua imagem, modificando-a em definitivo. Assim, o exilado

Perde o espelho múltiplo a partir do qual criava e nutria sua própria imagem, seu personagem. No exílio, ninguém o conhece, ninguém o reconhece. Aquele que eu era não existe mais. O personagem está morto, o cenário não é mais o mesmo, os

2 Ver: “Between 10,000 and 15,000 Brazilians took the road to exile” (SZNAJDER; RONIGER, 2009, p. 196).

atores tampouco. E nos encontramos ali, sem olhar, sem palavra: comoção e crise radical da identidade (VIÑAR, 1992, p. 71).

Do ponto de vista psicanalítico, o exílio simboliza um sentimento de nostalgia, não apenas da terra natal, como também de um passado idealizado, portanto inexistente: “O antigo, a nostalgia de uma paisagem materna, se oferece à memória como cadáver e como lugar privilegiado do êxtase. A nostalgia – dor do retorno – reproduz o modelo da perda do primeiro objeto mítico” (VIÑAR, 1992, p. 64).

Se o passado do exilado não é senão abstração, já que tudo mudou (o referencial espacial, o idioma, aspectos culturais, a necessidade de adaptação climática, etc), o presente também não existe, uma vez que o sujeito exilado não se identifica com o novo lugar habitado e vive apenas atrelado à ideia de uma volta cuja execução não depende de sua decisão. É o que Sznajder e Roniger chamam de “síndrome das malas prontas”: “Many [exiles] continued to experience the syndrome of ‘living with the suitcases packed’, in a situation of suspended reality, of living neither in the homeland nor in the host country, which compounded the challenges of exile” (SZNAJDER; RONIGER, 2009, p. 182)³.

Fazendo coro a esses dois autores e às colocações do casal Viñar, a escritora e crítica chilena Ana Pizarro, no capítulo “Viagem, exílio e escrita”, de *O Sul e os trópicos* (2006), argumenta que o exílio é uma espécie de “suspensão no tempo”, em que somente duas dimensões temporais permanecem – as lembranças do passado e a esperança de um futuro retorno à pátria de origem. Os dois aspectos se combinam e fazem o exilado “(...) rejeitar o presente, ignorar a generosidade da gente que nos acolhe, experimentar a incapacidade de sentir a beleza, de olhar com interesse esse ‘outro’ lugar no qual estamos e ao qual nenhum futuro pode ser associado” (PIZARRO, 2006, p. 46). O presente, então, é um longo e cansativo gesto instintivo de sobrevivência:

O presente do exilado – esta terceira dimensão da vida – não existe senão como âmbito da sobrevivência que permite acolher a memória e o futuro. A negação do presente nasce da expatriação imposta e, nesta negação, vai-se abrindo um espaço de avaliação, de síntese, de enfrentamento de si mesmo que pode ser aterrador. Ainda que resistamos, o caminho da transformação (...) é também fonte de dor (PIZARRO, 2006, p. 46).

Veremos em seguida, através dos testemunhos, de que forma a dor e o silêncio se transmutam em desabafo e lição.

OS DEPOIMENTOS DE EXILADAS LATINO-AMERICANAS: DRAMA E TRAUMA DEFINITIVOS

Exemplo emblemático de depoimento de brasileiras sobre o tema do exílio são as en-

³ “Muitos [exilados] continuaram a experimentar a síndrome de ‘viver com as malas prontas’, em uma situação de realidade suspensa, de não viver nem na terra natal nem no país de acolhimento, fatores que compunham os desafios do exílio”. (Tradução nossa)

trevistas concedidas para as quatro organizadoras da coletânea *Memórias das mulheres do exílio*, publicada em 1980 pela Editora Paz e Terra⁴. Por terem sido expulsas do país ou coagidas a deixá-lo, conhecer esse tipo de manifestação é fundamental para a reflexão a respeito dos traumas coletivos brasileiros, pois “(...) a libertação de qualquer grupo oprimido passa pela apropriação da sua História, em busca da sua identidade social (...)” (COSTA et al., 1980, p. 18).

Ao lado da força catártica dos relatos, também chama a atenção o fato de os depoimentos retratarem uma dupla exclusão, para além da questão do banimento político forçado ou sugestionado pela necessidade de sobrevivência: são estrangeiras e mulheres, que viveram dramáticos episódios de “(...) prisão, perseguição, punição, pressão psicológica, estreitamento de canais de expressão profissional, política e até mesmo familiar” (COSTA et al., 1980, p. 19).

Segundo o depoimento de Zuleika Alambert, exilada no Chile a partir de 1970,

[...] a grande maioria [das exiladas brasileiras] estava lá em função dos maridos e eram as grandes marginalizadas. Marginalizadas da sociedade chilena, porque não eram chilenas, não falavam nem a língua. Marginalizadas como mulheres dentro das suas próprias famílias, porque os homens eram políticos, continuavam suas ações, e elas ficavam em casa (apud COSTA et al., 1980, p. 61).

Em *Exílio: entre raízes e radares* (1999), livro originado de sua tese de Doutorado em História, Denise Rollemberg, tendo entrevistado dezenas de pessoas na França e no Brasil, discute aspectos dessa dupla exclusão e sublinha a diferença, que acima chamei de maneira direta ou indireta de atuação política, entre o tipo de participação da mulher brasileira exilada logo após o golpe de 1964 e a que deixou o país somente depois do decreto do AI-5:

Entre as exiladas da geração 1964, a maior parte era de mulheres que, sem envolvimento político direto, viram-se constrangidas ao exílio para acompanhar os maridos. Na geração 1968, os casos de mulheres exiladas por sua própria participação política aumentaram consideravelmente (ROLLEMBERG, 1999, p. 71)⁵.

Devido à dificuldade de adaptação a um novo ambiente cultural (costumes, idioma, clima, etc), sem apoio de embaixadas e, muitas vezes, nem da própria família, a sobrevivência individual da exilada é praticamente impossível, tendo resultado, em casos extremos, em episódios de suicídio e/ou profunda depressão. Provavelmente por esse motivo as exiladas brasileiras tenham sentido a necessidade de se articularem coletivamente para buscar algum resíduo de identidade social, promovendo encontros e criando organizações das

4 Albertina de Oliveira Costa; Maria Teresa Porciuncula Moraes; Norma Marzola; e Valentina da Rocha Lima. O projeto do livro nasceu em Lisboa e a maioria das entrevistas foi realizada no final dos anos 1970, com mulheres que moraram em países como Chile, Uruguai, França, Suécia e Estados Unidos da América.

5 Exemplos de exiladas que se enquadram no primeiro caso (“geração 1964”), de acordo com Rollemberg, estão, dentre outras, Elza Freire e Thereza Rabêlo (1999, p. 71-73), cujos depoimentos para a coletânea *Memórias das mulheres do exílio* comentarei adiante.

quais são exemplos o “Comitê de Mulheres Brasileiras no Exterior”, em Santiago do Chile, e o “Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris”, formado em outubro de 1975.

A respeito do primeiro, a iniciativa, levada a cabo durante o governo de Salvador Allende (1970-1973), partiu de um grupo de mulheres lideradas por Zuleika, que resume o caráter pioneiro do Comitê:

Resolvi então formar o que chamaria um primeiro agrupamento de mulheres brasileiras para participarem dos trabalhos voluntários. Na primeira convocação havia mais ou menos 200 mulheres: fomos construir uma escola. Depois, foi o Natal da criança exilada. Houve festa com jogos, discursos sobre a situação da criança exilada, e as mulheres participaram de tal maneira que senti a necessidade de criar algum instrumento. Surge, assim, a idéia (sic) da criação do *Comitê de Mulheres Brasileiras no Exterior*, que chegou a ter 250 filiadas, a maioria donas-de-casa que nunca tinham tido a menor participação. [...] Realizamos depois o *Seminário Latino-Americano de Mulheres* para discutir a problemática da mulher no Continente. E é aí que se dá o primeiro despertar para o problema específico da mulher (apud COSTA *et al.*, 1980, p. 61).

Sobre o “Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris”, é interessante acompanhar a discussão fomentada por dez delas, em junho de 1978, e publicada como Apêndice da coletânea, na qual deixam claro que o objetivo principal do grupo, além de promover encontros entre as famílias das exiladas, era o de proporcionar “(...) o aprofundamento da consciência feminina das mulheres que o compõem” (COSTA *et al.*, 1980, p. 413).

Em *The politics of exile in Latin America* (2009), Mario Sznajder e Luis Roniger tecem comentários sobre ambas as associações. Da segunda, apontam que

The need to provide for their families while their partners expected them to continue taking care of domestic chores further sharpened the awareness of these women to gender inequalities and their roles and potential in exile and in general. Although Brazilian female exiles were exposed to these ideas in various sites, it was in Paris in 1975 that a *Círculo de Mulheres Brasileiras* was established. (...) The political perspective of these female exiles widened from a concern with government and politics to include a focus on the private realm and gender (SZNAJDER; RONIGER, 2009, p. 116-117)⁶.

6 “A necessidade de prover a subsistência de suas famílias enquanto seus companheiros esperavam que elas continuassem cuidando de tarefas domésticas aguçou a consciência dessas mulheres quanto às desigualdades de gênero, seus papéis e potencialidades, no exílio e em geral. Embora as exiladas brasileiras estivessem expostas a estas ideias em vários lugares, foi em Paris, em 1975, que um *Círculo de Mulheres Brasileiras* foi estabelecido. (...) A perspectiva política dessas mulheres exiladas se estendeu de uma preocupação inicial com governo e política para posteriormente focalizar o domínio privado e de gênero” (Tradução nossa). No capítulo VII do livro, há um subitem específico, denominado “Exiled women and gender” (2009, p. 293-297), no qual os autores, ao abordar a questão, além de apontar, assim como fizera Rollemberg, para os dois tipos de participação política das envolvidas, destacam as altas taxas de divórcio identificadas naquela ocasião, motivadas pela separação forçada ou pela incompreensão mútua do grau de envolvimento político do cônjuge (SZNAJDER; RONIGER, 2009, p. 294).

Algumas mulheres entrevistadas pela equipe de Albertina Costa optaram pelo anonimato, tendo escolhido codinomes a fim de se sentirem mais à vontade para abordar temas polêmicos, não apenas relacionados à resistência política, mas também para denunciar o machismo dos homens que as prenderam, interrogaram e torturaram. Em tempos de extrema repressão, até mesmo a liberdade de ir e vir era considerada “subversiva” – “A liberdade de não ter o que perder (...)” (COSTA *et al.*, 1980, p. 21), tendo provocado reações adversas não apenas nos militares “linha-dura”, mas até mesmo nos familiares das militantes.

Dentre as entrevistadas que assumiram a identidade, algumas são bastante conhecidas, como Elza Freire, esposa do educador Paulo Freire, Fátima, filha do casal, e a historiadora Emília Viotti da Costa, ex-professora da USP, aposentada compulsoriamente pelo regime militar brasileiro em 1968 que, por falta de condições de trabalho no país, exilou-se nos Estados Unidos e a partir de 1970 passou a lecionar na Universidade de Yale. A historiadora desconstrói a aura romântica da figura do exilado que povoa o imaginário popular, ao demonstrar que

Os que vêem (sic) o problema [do exílio] de fora desconhecem a sua natureza trágica: o desemprego, as humilhações de toda sorte, o temor constante da deportação, os problemas de visto, a angústia das famílias separadas, crianças e adolescentes traumatizados, neuroses e receios de toda espécie, e, sobretudo, a infinita solidão e sensação de desenraizamento que sofre todo exilado (COSTA apud COSTA *et al.*, 1980, p. 390).

Além disso, a professora destaca a discriminação da sociedade estadunidense contra a mulher latino-americana, ao comentar que, no Departamento de História da Universidade de Yale, em um universo de quase cem pessoas, ela era a única não norte-americana que chegara a assinar um contrato vitalício com a instituição (COSTA apud COSTA *et al.*, 1980, p. 393).

Um dos relatos mais contundentes da antologia é o de Thereza Rabêlo, mãe de sete filhos e esposa de José Maria Rabêlo, fundador, em 1952, e primeiro diretor da revista *Binômio*, de Belo Horizonte, um dos veículos pioneiros da moderna imprensa alternativa brasileira. Perseguido pelos militares logo após o golpe de abril de 1964, José Maria se refugiou na embaixada da Bolívia, país para onde viaja um tempo depois, passando a colaborar no diário *Clarín*. O depoimento de Thereza é dado em dois momentos – julho de 1977 e setembro de 1979 – e nele podemos acompanhar o exílio da família como uma árdua peregrinação por embaixadas e aeroportos, em três diferentes países, Bolívia, Chile e França.

A *via crucis* da família por terras estrangeiras durou, ao todo, quinze anos, de 1964 a 1979. Em 1964, José Maria havia apenas começado a trabalhar em La Paz quando testemunha seu segundo golpe: a 4 de novembro, uma junta militar depõe o então presidente Víctor Paz Estenssoro (RABÊLO apud COSTA *et al.*, 1980, p. 191). Thereza volta a Belo Horizonte, onde os filhos haviam ficado, e José Maria vai para o Chile. Em dezembro de 1965, Thereza e filhos partem para Santiago e finalmente se juntam ao jornalista. Chegaram, portanto, durante o governo do democrata cristão Eduardo Frei Montalva (1964-1970), que derrotara Salvador Allende nas eleições de 1964, com apoio publicitário maciço da CIA. Em Santiago,

José Maria Rabêlo trabalhou para o Centro para o Desenvolvimento Econômico e Social da América Latina, tendo organizado, através desse órgão, uma rede de livrarias especializadas em publicações da área de Ciências Sociais. Com a ajuda da esposa Thereza, criou a CLAL (Câmara Latino-Americana do Livro).

Foram anos felizes para a família, sobretudo durante a “experiência do governo Allende”, durante a qual, nas palavras de Thereza, “Nem de longe a gente podia prever o furacão que se gestava por debaixo daquela paz quase bucólica” (RABÊLO apud COSTA *et al.*, 1980, p. 193). A exilada brasileira afirma que nutria uma “veneração pela personalidade” de Salvador Allende, considerando-o “(...) a maior figura latino-americana deste século [XX], como líder e como homem” (RABÊLO apud COSTA *et al.*, 1980, p. 195). Mas veio o violento golpe orquestrado pelos militares a serviço do general Augusto Pinochet e a família passou por meses de intensos sofrimentos, muito piores que os episódios vividos no Brasil e na Bolívia. Segundo Thereza, “O golpe de Pinochet foi uma guerra dos ricos contra os pobres. E isso nós vimos naquela noite terrível de 11 de setembro de 1973: enquanto nos bairros grã-finos se comemorava a morte de Allende com champanhes e festas, nas *callampas* [favelas] os pobres viviam a angústia das perseguições, do medo, do fim da esperança” (RABÊLO apud COSTA *et al.*, 1980, p. 196).

O momento de maior tensão, e que certamente fez com que adiassem a partida para o segundo exílio, foi a prisão e ameaça de fuzilamento, no Estádio Nacional, do filho Pedro, apelidado de “Didi”, “(...) um menino com então dezessete anos que foi detido porque não conseguiram deter o pai, e que ficou lá, no Estádio, sem nenhuma culpa (...)” (RABÊLO apud COSTA *et al.*, 1980, p. 196). O suplício durou por volta de três meses até que o rapaz fosse libertado e todos conseguissem sair do país, em janeiro de 1974, com destino à França, de posse de um salvo-conduto e sem nenhum auxílio da embaixada brasileira⁷.

A entrevista concedida por Thereza Rabêlo para o livro *Memórias das mulheres do exílio* é posteriormente incluída na Segunda Parte do livro *Diáspora: os longos caminhos do exílio* (2001), escrito a quatro mãos pelo casal, com prefácio de Fernando Morais e apresentação de Roberto Drummond. A primeira parte, intitulada “As muitas faces do exílio”, é assinada por José Maria Rabêlo, e a segunda, “Aqueles anos de nossas vidas”, por Thereza. O texto da Segunda Parte é praticamente o mesmo dos depoimentos concedidos mais de vinte anos antes para as organizadoras da coletânea, tendo sido apenas acrescentados alguns parágrafos e retiradas as “marcas” de linguagem oral ao ser transposta a entrevista para o livro de memórias. Na parte destinada, em *Diáspora*, ao relato de Thereza, é acrescentado o testemunho de Pedro sobre o terror que o vitimou no Chile, incluindo sua prisão no Estádio Nacional, torturas físicas e psicológicas, com sádicas ameaças de morte e simulação de fuzilamento.

Os horrores do autoritarismo na América Latina, ao longo da segunda metade do século XX, não se limitaram, como se sabe, aos casos do Brasil e do Chile. Tendo atingido a culminância na década de 1970, com apoio deliberado dos Estados Unidos, sobretudo

⁷ Em seu depoimento, Thereza Rabêlo afirma que “(...) não conseguirei jamais apagar a lembrança da insensibilidade da Embaixada brasileira em Santiago, principalmente do então embaixador Câmara Canto, que não foi capaz do menor gesto para salvar daquele inferno – já não digo os adultos – mas pelo menos as crianças brasileiras que moravam no Chile” (apud COSTA *et al.*, 1980, p. 197).

durante o governo de Richard Nixon (1969-1974), receoso de os demais países do continente seguirem a orientação socialista da Revolução Cubana, a grande maioria dos países da América do Sul (Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia, além dos dois supracitados) e da América Central (Nicarágua, Guatemala, El Salvador, República Dominicana, para citar os mais violentos), viveu sob intenso regime militar, alguns, como o dominicano, desde os anos 1930 (refiro-me ao governo tirânico de Rafael Leonidas Trujillo, de 1930 a 1961), ou a partir de 1954⁸.

Parte dessa história de torturas, desaparecimentos e assassinatos em massa na América Latina pode ser acompanhada através dos testemunhos, cartas, ensaios, poemas e contos reunidos pela pesquisadora argentina Alicia Partnoy, exilada e radicada nos Estados Unidos, na coletânea intitulada *You can't drown the fire: Latin American women writing in exile* (1988). Os textos escritos e depoimentos orais, em sua maioria, foram redigidos ou fornecidos em espanhol e traduzidos para o inglês, tendo sido o livro publicado pela Editora Cleis Press, de Pittsburgh. Comentarei alguns aspectos da antologia, com o objetivo de mapear a questão do ponto de vista do continente latino-americano, e não somente do Brasil, considerando que a problemática do exílio extrapola a resistência política, tendo sido também artística, jornalística e contracultural, como fica claro, por exemplo, no relato da cantora argentina Mercedes Sosa, como se verá adiante.

Coletando depoimentos, cartas e textos literários de exiladas oriundas de países como Argentina, Chile, Colômbia, Bolívia, Uruguai, Paraguai, El Salvador e Guatemala, a antologia é subdividida por gêneros, indicados nos subtítulos das cinco diferentes seções que compõem o livro. Na Introdução, a organizadora afirma tratar-se a obra de uma coleção de relatos de mulheres que “(...) have suffered all forms of persecution” (PARTNOY, 1998, p. 11)⁹.

Deixa claro que a coletânea não se limita a textos decorrentes unicamente de exílio político causado por oposição a ditaduras, sendo sintomático o caso da Colômbia, que, mesmo não tendo vivido, na década de 1970, sob regime militar, registra altos índices de homicídio em toda a segunda metade do século XX, motivados pelos conflitos entre militares a serviço do governo civil e grupos armados de narcotraficantes. Na seção “The torch that sheds my light: essay” (algo como “A tocha que me ilumina: ensaio”), o leitor encontra três textos de jornalistas colombianas ameaçadas de morte por denunciar os conflitos ou por terem feito parte da comitiva que negociou um cessar-fogo entre os militares e a guerrilha.

Segundo Partnoy, os objetivos de sua iniciativa foram: “construir pontes culturais, desconstruir estereótipos sobre as mulheres latino-americanas, e denunciar a repressão política em nossos países” (Tradução nossa)¹⁰. O livro cobre um amplo painel de denúncias de maus tratos, arbitrariedades e violações de direitos humanos, como fica claro através

8 Em *A memória de todos nós* (2015), Eric Nepomuceno aponta as ditaduras da Guatemala, do Paraguai (ambas a partir de 1954) e da Argentina (1955) como as primeiras adotadas no continente latino-americano. O autor, porém, esquece de mencionar o caso da República Dominicana, anterior a estas (NEPOMUCENO, 2015, p. 7-8).

9 “(...) sofreram todas as formas de perseguição”. (Tradução nossa)

10 Conferir no original: “I began the search for manuscripts with three goals in mind: to build cultural bridges, to destroy stereotypes about Latin American women, and to denounce political repression in our countries” (PARTNOY, 1988, p. 12).

dos testemunhos de mulheres como Rigoberta Menchú e Mercedes Sosa, ambos elencados na primeira seção da obra, “They won’t drown my fire: testimony” [“Eles não conseguirão apagar meu fogo: testemunho”].

O testemunho da guatemalteca Rigoberta Menchú, ativista indígena da etnia Quiché e laureada com o Prêmio Nobel da Paz de 1992, intitula-se “Things have happened to me as in a movie” [“As coisas aconteceram para mim como em um filme”], e pode ser considerado uma síntese das entrevistas concedidas por Menchú, em Paris, à antropóloga venezuelana Elizabeth Burgos¹¹. O teor do relato é assustador, e se na metáfora do título as “coisas” se passaram “como em um filme”, este certamente é de terror – a ativista relata em detalhes a prisão e morte de seu pai, bem como a tortura de um irmão, de apenas dezesseis anos de idade, mutilado e queimado vivo em praça pública sob olhar atônito dos familiares, obrigados pelos militares guatemaltecos a testemunharem a barbárie como uma “lição” àqueles que ousavam desafiar o regime. O trecho final de sua fala é chocante e merece ser lido como um exemplo da crueldade à qual o ser humano está sujeito a fim de defender seus mais insanos objetivos políticos.

After a while an army truck arrived with twenty people who had been tortured in different ways. Among them we recognized my brother, who, along with the other prisoners, had been tortured for fifteen days. [...] They had pulled out my little brother’s fingernails, they had cut off parts of his ears and other parts of his body, his lips, and he was covered with scars and swollen all over. [...] An army captain gave us a very long speech, almost three hours, in which he constantly threatened the people, saying that if we got involved with communism the same things were going to happen to us. Then he explained to us one by one the various types of torture they had applied to the prisoners. After three hours, the officer ordered the troops to strip the prisoners, and said: “Part of the punishment is still to come.” He ordered the prisoners tied to some posts. The people didn’t know what to do and my mother was overcome with despair in those few moments. And none of us knew how we could bear the situation. The officer ordered the prisoners covered with gasoline and they set fire to them, one by one (MENCHÚ, 1988, p. 22-23)¹².

11 As entrevistas de Rigoberta Menchú foram coligidas por Burgos no volume *Meu nome é Rigoberta Menchú e assim nasceu minha consciência* (1993). A antropóloga, mediadora do testemunho, optou por publicar o relato como um monólogo em primeira pessoa, suprimindo as perguntas, decisão explícita já desde o título da obra (no original em espanhol - *Me llamo Rigoberta Menchú: y así me nació la conciencia*, 1987) e na oração que abre o depoimento: “Meu nome é Rigoberta Menchú. Tenho vinte e três anos. Gostaria de dar este testemunho vivo que não aprendi num livro, nem aprendi sozinha, já que tudo isso aprendi com meu povo e isso é uma coisa que gostaria de deixar claro” (1993, p. 32).

12 “Após um instante, chegou um caminhão do Exército com vinte pessoas que haviam sido torturadas de diversas maneiras. Dentre elas reconhecemos meu irmão que, juntamente com outros prisioneiros, havia sido torturado por quinze dias. [...] Eles haviam arrancado as unhas de meu irmãozinho, cortado partes de suas orelhas e outras partes do corpo, como seus lábios, ele estava todo inchado e coberto por cicatrizes. [...] Um capitão do Exército fez um discurso muito longo, de quase três horas, no qual ele constantemente ameaçou as pessoas, dizendo que se elas se envolvessem com o comunismo as mesmas coisas aconteceriam a elas. Em seguida, ele nos explicou uma por uma os vários tipos de tortura que eles haviam aplicado aos prisioneiros. Após três horas, o oficial ordenou que as tropas despissem os presos, e disse: ‘Parte da punição ainda está por vir’. Ordenou que os prisioneiros fossem amarrados a alguns postes. As pessoas não sabiam o que fazer e

Mesmo quando não se chega a extremos como esse, a grande maioria dos relatos das exiladas gira em torno da denúncia de ameaças, torturas ou, no mínimo, grave assédio moral, tal qual o que sofreu Mercedes Sosa, simplesmente pelo fato de ter apresentado, em seus concertos ao vivo, músicas cujas letras, consideradas “subversivas” pelas autoridades governamentais, apenas tematizam o sofrimento, a esperança e a miséria do povo. Em seu depoimento, a artista se refere especificamente a um show, realizado em Almacén San José, em 1978, no qual, ao final de uma canção, foi abordada por policiais em pleno palco. Ao perguntar o que estava acontecendo, a cantora se surpreende com a resposta e o que se segue é um inusitado diálogo em que somente um dos interlocutores tem “razão”:

“What’s happening is that you are singing subversive songs.” [...] “What do you mean, ‘subversive songs’? What’s that all about?” [...] “Songs of protest, Marxist...” [...] “But these songs were taped in 1973 and I’ve been singing them everywhere”, I said. [...] “I don’t know what it’s like in other places. But here, these songs are communist.” [...] “So then, why did you let me get on stage to perform? It would have been easier to prohibit me – and that’s it.” [...] “We are the ones who decide what must be done here!” (SOSA, 1988, p. 26)¹³.

E o que se decidiu foi interromper o concerto e levar todas as pessoas, inclusive o público, para uma delegacia de polícia. De acordo com o trecho final do testemunho de Sosa, lá eles passaram o restante da noite e, tratados como criminosos, foram fotografados e liberados apenas na manhã seguinte (SOSA, 1988, p. 27).

Ao problematizar a questão do exílio de mulheres latino-americanas em uma coletânea aberta a uma gama variada de gêneros literários, que se imbricam e se complementam, Alicia Partnoy reuniu inúmeros textos fabulosos, alguns aterradores, como o testemunho de Menchú, outros extremamente líricos e de forte carga emocional, como alguns contos e a seleção de poemas assinados por onze diferentes exiladas, tais como Pastora (El Salvador); Alaíde Foppa (Guatemala); Dolly Filártiga (Paraguai); e Etelvina Astrada (Argentina), dentre outras.

Devido à sua importância histórica, vale registrar a presença, na seção de ensaios, do texto “Introduction to Chile” [“Introdução ao Chile”], de autoria de Isabel Morel Letelier, viúva do diplomata e político Orlando Letelier, assassinado em Washington-DC, em setembro de 1976, pela polícia secreta chilena (a temida DINA- Dirección de Inteligencia Nacional), em um dos episódios mais ousados da chamada Operação Condor¹⁴. Letelier foi

minha mãe foi vencida pelo desespero naqueles poucos momentos. Nenhum de nós sabia como conseguíamos suportar a situação. O oficial ordenou que os prisioneiros fossem cobertos com gasolina e os soldados atearam fogo a eles, um por um” (Tradução nossa). Para a antologia de Partnoy, Rigoberta Menchú foi entrevistada por César Chelala e seu depoimento foi traduzido do espanhol para o inglês por Regina M. Kreger (ver 1988, p. 23).

13 “O que está acontecendo é que você está cantando canções subversivas.” [...] “Como assim, ‘canções subversivas’? O que tudo isso significa?” [...] “Canções de protesto, marxistas...” [...] “Mas essas canções foram gravadas em 1973 e eu as tenho cantado em todos os lugares”, eu disse. [...] “Eu não sei como é em outros lugares. Mas aqui, essas canções são comunistas.” [...] “Então, por que vocês me deixaram subir ao palco para apresentar? Teria sido mais fácil me proibirem – e pronto.” [...] Somos nós que decidimos o que deve ser feito aqui!” (Tradução nossa)

14 Sobre o assunto, ver *Os anos do Condor: uma década de terrorismo internacional no Cone Sul* (2005), do jornalista

ministro do governo Allende e embaixador do Chile nos Estados Unidos, país onde se refugiou após o golpe de setembro de 1973 e de onde passou a fazer severas denúncias e críticas à ditadura Pinochet. Após a morte do marido, Isabel se tornou ativista de direitos humanos e percorreu vários continentes palestrando, dentre outros temas, sobre os direitos das mulheres de países pobres.

“Introduction to Chile” é um texto híbrido, misto de ensaio político, síntese da história recente do Chile e memórias de infância. A autora o inicia recordando a casa onde se criou, com amplo quintal e pomar: “My house was very large, with many rooms, flowers and birds. [...] We grew up among the trees in the orchard”¹⁵ (LETELIER, 1988, p. 138). A evocação de Isabel Letelier passa pelas leituras de juventude, nas quais, ao mencionar a importância, para a sua compreensão da identidade chilena e do sofrimento do povo, da poesia dos laureados com o Prêmio Nobel de Literatura Gabriela Mistral e Pablo Neruda (1988, p. 139), a ativista demonstra preocupação em questionar as causas das mazelas sociais do país, atenuadas, em seu entender, durante os três anos de governo Allende, e com reflexos positivos nas artes e na cultura chilena. Para Isabel,

For one thousand days, the popular government of Salvador Allende worked to give bread, shelter, clothing, and culture to the people. Through its poets, writers and artists the popular spirit of Chile produced a genuine explosion of culture. The arts became interwoven and artists joined hands in a common labor. The popular musicians sang to the poets and the muralists painted to the writers. And so, the brilliant star of our culture shone with promise for who, for the first time, began to enjoy her (LETELIER, 1988, p. 139)¹⁶.

A “estrela brilhante”, entretanto, fugaz de tão utópica, perigosa de tão “subversiva”, teve seu brilho ofuscado a partir das primeiras horas da terrível manhã de 11 de setembro de 1973, e permaneceu apagada por dezessete anos, praticamente duas décadas nas quais um pequeno país, pouco habitado, chegou a contabilizar aproximadamente um milhão de exilados! (LETELIER, 1988, p. 140).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Woman, / unfinished being / not the remote angelical rose
sung by poets of old / nor the sinister witch burned at Inquisition’s stake /

norte-americano John Dinges, ex-correspondente do Washington Post no Chile, onde sofreu ameaças de morte.

15 “Minha casa era muito grande, com muitos quartos, flores e pássaros. [...] Nós crescemos entre as árvores do pomar”. (Tradução nossa)

16 “Por mil dias, o governo popular de Salvador Allende trabalhou para dar pão, abrigo, roupas e cultura ao povo. Através de poetas, escritores e artistas, o espírito popular do Chile produziu uma genuína explosão de cultura. As artes se entrelaçaram e artistas juntaram as mãos em um trabalho comum. Músicos populares cantaram para os poetas e os muralistas pintaram para os escritores. E então, a estrela brilhante de nossa cultura reluziu com promessa para aqueles que, pela primeira vez, começaram a dela desfrutar”. (Tradução nossa)

nor the lauded and desired prostitute / nor the blessed mother”¹⁷.
(Alaíde Foppa, “Woman”, apud PARTNOY, 1988, p. 189)

Literariamente, há muitas formas de abordar ou evocar o exílio: entrevistas, testemunhos, cartas, diários, memórias, contos, autobiografias, autoficções etc. Em todas elas, avultam a sensação de estranhamento, crise de identidade, suspensão temporal, inadequação espacial, desajuste emocional, trauma psicológico, feridas espirituais não cicatrizadas porque a veia que ainda pulsa permanece aberta e suscetível a novas inflamações.

Em suas peregrinações pelo mundo e visitando lares de chilenos no exílio, Isabel Letelier observou que, por mais simples que fossem suas condições materiais de sobrevivência, a maioria deles eram leitores críticos em potencial, fato que se confirma pela existência de livros de escritores chilenos em suas humildes bibliotecas:

During the last few years I have visited the homes of my compatriots in the most diverse cities of the world and I have seen how the cultural reviews and the books of Chilean writers occupy such important places in the little libraries in these homes. The desire to maintain one’s culture, despite the difficulties of the surrounding conditions, extends to all the cultural ambits (LETELIER, 1988, p. 140-141)¹⁸.

A observação de Isabel comprova o quanto a literatura e as artes podem se tornar refrigério contra a barbárie do autoritarismo político. Os exilados resistem, com armas outras, simbolicamente enfrentando canhões com rosas, violência com versos e canções, até dar voz a um testemunho abafado por gritos silenciosos, que ecoam intermitentes e vibram nas paredes internas do trauma inextinguível.

Não há caminho de volta, nem mesmo simbolicamente, porque o lugar que se deixou tornou-se outro ao longo das décadas, marcando a personalidade de quem viveu o exílio com o selo acre da injustiça social e com o peso de chumbo da munição realista dos regimes autoritários. E se, como sugeriu o filósofo Arthur Schopenhauer, a história é uma espiral cíclica, em tempos de neofascismo preparemo-nos para a continuidade de um pesadelo diaspórico do qual nem mesmo um tango argentino nos redimirá, mas que a sensibilidade aguçada de “seres inacabados” ajudará a atenuar – nem rosas nem bruxas, apenas Elzas, Emílias, Rigobertas e Teresas nascidas de catástrofes cotidianas.

REFERÊNCIAS

BURGOS, Elizabeth. *Meu nome é Rigoberta Menchú e assim nasceu minha consciência*. Trad. Lólio

¹⁷ “Mulher, / ser inacabado / não a remota rosa angelical cantada pelos poetas de antigamente / nem a bruxa sinistra queimada em uma estaca da Inquisição / nem a prostituta louvada e desejada / nem a mãe abençoada”. (Tradução nossa).

¹⁸ “Nos últimos anos, visitei os lares de meus compatriotas nas mais diversas cidades do mundo e vi como as revistas culturais e os livros de escritores chilenos ocupam lugares tão importantes nas pequenas bibliotecas de suas casas. O desejo de se manter a cultura, apesar das dificuldades das condições em torno, estende-se a todos os âmbitos culturais”. (Tradução nossa)

Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro-RJ: Editora Paz e Terra, 1993.

COSTA, Albertina de Oliveira; MORAES, Maria Teresa Porciuncula; MARZOLA, Norma; LIMA, Valentina da Rocha (Orgs.). *Memórias das mulheres do exílio*: Depoimentos. Rio de Janeiro-RJ: Paz e Terra, 1980.

DINGES, John. *Os anos do Condor*: uma década de terrorismo internacional no Cone Sul. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2005.

FOPPA, Alaíde. Woman. In: PARTNOY, Alicia (Ed.). *You can't drown the fire*: Latin American women writing in exile. Pittsburgh-USA: Cleis Press, 1988, p. 189.

LETELIER, Isabel Morel. Introduction to Chile. In: PARTNOY, Alicia (Ed.). *You can't drown the fire*: Latin American women writing in exile. Pittsburgh-USA: Cleis Press, 1988, p. 138-142.

MENCHÚ, Rigoberta. Things have happened to me as in a movie. In: PARTNOY, Alicia (Ed.). *You can't drown the fire*: Latin American women writing in exile. Pittsburgh-USA: Cleis Press, 1988, p. 19-23.

NEPOMUCENO, Eric. *A memória de todos nós*. Rio de Janeiro-RJ: Record, 2015.

PARTNOY, Alicia. Introduction. In: PARTNOY, Alicia (Ed.). *You can't drown the fire*: Latin American women writing in exile. Pittsburgh-USA: Cleis Press, 1988, p. 11-15.

PIZARRO, Ana. Viagem, exílio e escrita. In: *O Sul e os trópicos*: Ensaios de cultura latino-americana. Trad. Irene Kallina e Liege Rinaldi. Niterói-RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense (EdUFF), 2006, p. 45-49.

RABÊLO, José Maria; RABÊLO, Thereza. *Diáspora*: Os longos caminhos do exílio. São Paulo-SP: Geração Editorial, 2001.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio*: Entre raízes e radares. Rio de Janeiro-RJ: Record, 1999.

SOSA, Mercedes. Forced exile. In: PARTNOY, Alicia (Ed.). *You can't drown the fire*: Latin American women writing in exile. Pittsburgh-USA: Cleis Press, 1988, p. 25-28.

SZNAJDER, Mario; RONIGER, Luis. *The politics of exile in Latin America*. Cambridge-England: Cambridge University Press, 2009.

VALENZUELA, Luisa. *Romance negro com argentinos*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro-RJ: Rios Ambiciosos; Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2001.

VIÑAR, Marcelo e VIÑAR, Maren. Trad. Wladimir Barreto Lisboa. *Exílio e tortura*. São Paulo-SP: 1992.